



Rastreabilidade e certificação na cadeia de valor do couro

Álvaro Flores¹, Maria Guida Junges², Lisandro Inakake de Souza³

1 | Consultor especialista

2 | Consultora especialista

3 | Coordenador de Projetos no Imaflora

mensagens-chave

✓ As certificações trazem em seu escopo a rastreabilidade como um requisito importante, apesar de não obrigatório.

✓ Apesar de maior maturidade do mercado externo, há sinalização por parte de empresas nacionais que o tema será cada vez mais importante.

✓ É necessário ampliar a disponibilidade e a transparência das informações por toda a cadeia produtiva.

Um dos produtos mais importantes derivados do gado é o couro. A indústria do couro é uma extensão da indústria da carne. Os curtumes transformam o subproduto “pele” em couros e outros produtos que abastecem um grande número de segmentos industriais. Os couros são utilizados pela indústria da moda na produção de calçados, roupas, bolsas e outros artefatos; pela indústria moveleira e automotiva na confecção de estofados; na indústria de equipamentos de segurança, entre outras. Já as raspas e aparas são fonte de proteína, utilizadas pela indústria alimentícia, farmacêutica e de artigos para pets; as gorduras pela indústria de produtos de higiene e limpeza e biodiesel; e outros subprodutos e resíduos ainda utilizados para a produção de fertilizantes ou diretamente utilizados na agricultura. Em suma, na ponta do consumo, a indústria do couro é altamente pulverizada, com grande capilaridade em diversos produtos de consumo final.

O setor de couros, no Brasil, conta com 244 plantas industriais pertencentes a 207 grupos empresariais, desde multinacionais até empresas familiares. O setor emprega cerca de 30 mil trabalhadores e movimenta mais de US\$ 2 bilhões a cada ano (CICB, 2019).

A produção dos curtumes brasileiros é significativamente concentrada no couro bovino.

A partir dos dados disponibilizados no Estudo do Setor de Couros no Brasil (CICB, 2019), é possível calcular que, com base na metragem produzida, 97,2% dos couros são bovinos, 1,4% ovinos, 1,1% caprinos e 0,3% de outras origens. Segundo dados disponíveis, 64,2% do couro é proveniente dos grandes matadouros ou frigoríficos, 27,4% são recebidos de terceiros, 6,2% de intermediários, 1,8% de matadouros municipais, e 0,5% de outras origens.

O Brasil exporta cerca de 80% de seu couro bovino. A exposição ao desmatamento está inserida na cadeia de fornecedores. Uma avaliação da Global Canopy identificou 15 empresas-chave com sede na Europa e nos Estados Unidos que poderiam desempenhar um papel importante na redução do desmatamento na cadeia do couro. Elas incluem grandes fabricantes de automóveis, como General Motors e Volkswagen, varejistas de móveis, como Ashley Furniture Industries e DFS, e empresas de calçados, como Adidas e Nike (MacFarquhar *et al.*, 2019).

A Itália é o segundo maior importador de couro bovino brasileiro depois da China. O produto é a principal matéria-prima utilizada pela indústria curtidora italiana, respondendo por 71% da produção total. Os mercados consumidores finais mais importantes do couro italiano são calçados (42%), artigos de couro (24%), móveis (16%), estofados (11%) e roupas (5%).



Rastreabilidade e certificações

A rastreabilidade é um tema presente no dia-a-dia dos curtumes. A solicitação, por parte dos clientes, de informações sobre a origem das matérias-primas tem se tornado cada vez mais frequente, principalmente por compradores ligados ao mercado da moda, especialmente do setor calçadista. Dessa forma, a implementação de um sistema de rastreabilidade passa a ser uma condição *sine qua non* para que os curtumes mantenham ou venham a ampliar os seus negócios com esses clientes, não só do mercado externo (já mais maduro e exigente), mas também do mercado interno (que está gradualmente se posicionando sobre o tema).

Os sistemas de certificação, por sua vez, incluem a rastreabilidade como requisito em seus regulamentos, normas ou protocolos. Assim, os curtumes percebem nas certificações um aval positivo para atendimento de suas necessidades. As diferentes formas como os sistemas tratam a rastreabilidade, entretanto, fazem com que os curtumes tenham que, algumas vezes, multiplicar esforços para atendê-las.

Todos os curtumes entrevistados para este estudo têm ou já tiveram certificação Leather Working Group (LWG). A maioria tem ou está implementando o padrão do Programa de Certificação de Sustentabilidade do Couro Brasileiro (CSCB). Em relação ao Instituto Italiano de Certificação de Qualidade para o Setor de Couros (ICEC), há certo desconhecimento por parte dos curtumes entrevistados.

Fica claro, no entanto, que os curtumes têm condições de rastrear os couros produzidos e entregues aos clientes até o seu fornecedor direto: o curtume fornecedor dos couros semiprocessados (normalmente *wet-blue*) ou o frigorífico que fornece a pele *in natura*. A identificação exata da origem dos animais, porém, pode ser garantida apenas pelos curtumes que são integrados ao frigorífico.

Nos demais casos, normalmente são aceitas Declarações ou Termos de Compromisso dos fornecedores de que possuem sistemas de rastreabilidade e que não se utilizam de fazendas em que tenham sido detectados problemas relacionados com desmatamento, utilização de mão-de-obra infantil, análoga à escrava ou de áreas embargadas.

Não há, via de regra, um sistema de monitoramento ou auditoria sistemático. Normalmente, quando um cliente solicita informações específicas sobre a origem dos couros adquiridos, é realizada uma solicitação para que os fornecedores enviem essas informações, processo realizado “manualmente”.

Embora demandados e importantes, os custos envolvidos na implementação e operação dos sistemas de rastreabilidade são um fator limitante. Esses custos são absorvidos pelo curtume, pois o cliente não paga mais pela rastreabilidade. Um aumento das exigências que impactem nos custos do sistema é interpretado como algo que pode vir a prejudicar o setor de couros no Brasil.

As principais dificuldades

No âmbito do Programa Boi na Linha, especialistas analisaram os desafios da implementação da rastreabilidade. Os analistas agruparam os curtumes em três grupos:

Grupo A

Frigoríficos verticalmente integrados, que possuem acesso direto à unidade de produção pecuária e que realizam o processamento das peles em unidades próprias ou terceirizadas. Esse grupo é composto por poucas empresas, mas que detêm parcela significativa da produção nacional de couros.



Fonte: Shutterstock



Grupo B

Curtumes que partem de matéria-prima adquirida de frigoríficos ou intermediários, mas que não detêm o acesso direto às unidades pecuárias. São curtumes de diversos portes (pequenos, médios e grandes) que somam cerca de 80 empresas.

Grupo C

Curtumes que partem de couro já curtido, adquirido de curtumes dos grupos anteriores ou de intermediários. São, em sua maioria, pequenas e médias empresas, que totalizam cerca de 120 empresas no Brasil.

A análise revelou que, quando questionados sobre a “principal dificuldade em relação à rastreabilidade das matérias-primas”, percebe-se uma diferença significativa entre os três grupos de curtumes.

Para os curtumes do Grupo A, a maior dificuldade recai sobre os fornecedores indiretos. Ou seja, ter dados confiáveis e transparentes sobre a origem dos animais até o seu nascimento. Os curtumes desse Grupo destacaram os esforços feitos pelas suas empresas nesse sentido e acreditam que ainda levará certo tempo para terem acesso a essas informações, embora algumas iniciativas estejam sendo implementadas.

O curtume representante do Grupo B destacou a “dificuldade cultural de tratar questões comerciais com os frigoríficos”. Essa dificuldade é maior em relação aos frigoríficos que trabalham o mercado interno, visto que os curtumes que exportam são mais estruturados e já têm a cultura de disponibilizar informações relacionadas à origem de sua matéria-prima.

Os curtumes do Grupo C destacam, como maior dificuldade, “chegar até a fazenda”. Isso decorre do fato de que nem todos os curtumes produtores de *wet-blue* possuem informações sobre rastreabilidade de forma sistematizada. Como o sistema desses curtumes é respaldado em Declarações de seus fornecedores, ele se baseia na confiança mais do que em sistemas de informação. Ainda há a questão da origem de couros “catados”, ou seja, aqueles que não vêm direto de frigoríficos, mas que são adquiridos de pequenos frigoríficos ou matadouros por intermediários. Essa matéria-prima ainda é bastante comum, em especial para a produção de couros com pelo.

Em todos os casos, também apareceu como uma dificuldade o caráter transacional das relações comerciais dentro do setor. Ou seja, a questão preço é mandatária na compra e venda dos couros, em especial quando se trata do *wet-blue*, que não deixa de ser uma commodity.

Se contrapõem a essa questão, os custos envolvidos na implementação e operação dos sistemas de rastreabilidade. Esses custos acabam sendo absorvidos pelo curtume (independentemente do estágio de produção), já que o cliente não paga mais pela rastreabilidade. Todos os entrevistados, porém, consideram a rastreabilidade como uma premissa que deve ser atendida, independentemente dos custos decorrentes.

Os curtumes destacam a necessidade de integração de toda a cadeia como um aspecto a ser equacionado para que a rastreabilidade possa ser atendida de forma completa. Apesar de ainda não ser muito intensa, a cobrança dos clientes vem impulsionando esse processo.

Recomendações

Foram identificados dois pontos críticos principais. O primeiro depende exclusivamente da pecuária e da indústria frigorífica, de implementar a base tecnológica necessária para garantir a identificação da origem do animal até o nascimento, e do cruzamento dessas informações em relação às áreas de desmatamento, embargo e outras condições legais.

Em segundo lugar, é necessário mudar o modelo de negócios: de transacional (baseado em preço) para o modelo mais relacional nos processos comerciais na cadeia produtiva, onde aspectos



Fonte: Shutterstock





BOI NA LINHA

A plataforma de transparência da cadeia de valor da carne bovina.

A Plataforma Boi Na linha é ponto central (hub) que reúne e possibilita o acesso a sistemas, ferramentas, dados e informações técnicas para uma cadeia da carne bovina livre de desmatamento. Nos bastidores, desenvolvendo as soluções, atua um time de especialistas que conta com parceiros estratégicos nacionais e internacionais. São dois os objetivos principais: apoiar e ampliar a implementação dos compromissos socioambientais. Dessa forma, produtores, frigoríficos de todos os portes, curtumes, redes de supermercado e também investidores podem encontrar nesse ambiente os materiais que os auxiliarão na implementação dos compromissos. Além da sociedade civil, que conta com uma fonte de dados e recursos para acompanhar a evolução dos acordos assumidos pela cadeia.

Conheça e se envolva!

www.boinalinha.org

www.beefontrack.org

Agradecimentos

As análises foram conduzidas com o apoio de National Wildlife Foundation (NWF), Fundação Gordon e Betty Moore, Partnership for Forests (P4F) e Governo Britânico.

O Imaflora é uma organização não governamental brasileira, criada em 1995, para promover a conservação e o uso sustentável dos recursos naturais, gerando benefícios sociais no setor florestal e agrícola.

como a troca de informações que contemplem rastreabilidade sejam valorizados. Isso pode, inclusive, contribuir para uma valoração mais justa da matéria-prima em função da sua origem e a relação com a qualidade das peles. Isso é fundamental para que as informações possam ser trocadas de forma transparente e que sistemas integrados possam ser desenvolvidos para garantir a confiabilidade dos dados.

A partir desse ponto, as certificações podem assumir o papel de instrumentos de tangibilidade e garantia da rastreabilidade do couro e, assim, impulsionar a cadeia a encontrar soluções que permitam alcançar uma cadeia livre de desmatamento e conversão da vegetação nativa. A inclusão da rastreabilidade como um requisito obrigatório nos sistemas de certificação será decorrência do atendimento dos desafios descritos anteriormente.

Outro importante desafio a ser considerado e conduzido concomitantemente aos demais é o esforço de demonstrar aos mercados o valor dessas informações e os custos adicionais demandados por todos os elos da cadeia. Soma-se a isso a importância de divulgar mais o entendimento sobre os biomas no que se refere às possibilidades de criação permitidas, em especial, no que tange à Amazônia.

Referência

CICB. Estudo do setor de curtumes no Brasil. Relatório Setorial 2019.

Flores, A., Junges, M.G., de Souza, L.I. Análise dos Sistemas de Certificação para Produção de Couros. Imaflora. Piracicaba, 2021.

Flores, A., Junges, M.G., de Souza, L.I. Necessidades e Desafios da Rastreabilidade para os Curtumes Brasileiros. Imaflora. Piracicaba, 2021.

Flores, A., Junges, M.G., de Souza, L.I. Sistemas de Certificação do Couro - Análises e Recomendações Finais. Imaflora. Piracicaba, 2021.

MacFarquhar, C. Morrice, A., Vasconcelos, A. Hidden deforestation in the Brazil - China beef and leather trade. 2019. Disponível em: <https://www.globalcanopy.org/publications/hidden-deforestation-brazil-china-beef-and-leather-trade>.

